



## **Comunicação e Temporalidade: Um Olhar Para Os “Armazéns Da Memória” Do Jornal Nacional<sup>1</sup>**

Ana Carolina Amaral de Oliveira COELHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

### **RESUMO**

Ao longo da história humana, memória e jornalismo sempre estiveram muito próximos. O arquivamento de exemplares de jornais impressos, trechos de programas de rádio ou de telejornais é uma prática comum que ganha novos contornos no século XXI. Ao público externo às redações, a consulta aos materiais é permitida, mas, diante do advento da Internet, o espaço virtual se apresenta com uma capacidade aparentemente ilimitada de disponibilização de conteúdo. O jornalismo não demora a se apropriar disso e a memória passa a ser construída em rede, tornando mais fácil a interação com o sujeito, leitor ou internauta. No presente artigo pretende-se estudar a ligação entre dois aspectos principais: convergência de mídias e memória, no contexto dos arquivos de vídeo do *Jornal Nacional* na Internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** Convergência de mídias. Jornalismo. Memória.

### **1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Os meios de comunicação tradicionais vivem, na contemporaneidade, a influência de um contexto que surge e lança novas perspectivas a partir da última década do século XX. O advento da Internet e a configuração de um ciberespaço trazem desdobramentos para as esferas social, política e, principalmente, cultural, alcançando a relação entre os sujeitos e o modo como interagem.

Para Pierre Lévy (2003), estudioso da temática que se apresenta, tal conjuntura evidencia uma revolução atual das comunicações, “da qual a emergência do ciberespaço é a manifestação mais marcante” (LÉVY, 2003, p.183). Segundo ele, trata-se

do sistema com o desenvolvimento mais rápido de toda a história das técnicas de comunicação. Ao destronar a televisão, ele será, provavelmente, desde o início deste século, o centro de gravidade da nova ecologia das comunicações. O ciberespaço encarna um dispositivo de comunicação qualitativamente original, que se deve bem distinguir das outras formas de comunicação de suporte técnico (LÉVY, 2003, p.194).

A distinção à qual se refere Lévy (2003), entre os meios de comunicação como a televisão e o jornal impresso, tratados anteriormente como “tradicionais”, e a hoje

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 12 a 14 de maio de 2011.

<sup>2</sup> Especialista em Imagens e Culturas Midiáticas pela UFMG, [anacarolina\\_aoc@yahoo.com.br](mailto:anacarolina_aoc@yahoo.com.br).



consolidada Internet, propicia transformações substanciais no que se entende por jornalismo. As iniciativas empresariais e a produção de conteúdos exclusivos para o ambiente virtual marcam o presente momento e reconfiguram a ligação dos meios com o público. Todos podem ser convocados a participar do processo de criação, diante do aparecimento de novos canais de interatividade. De acordo com Pryor (2002), a relação que antes se denominava “*one-to-many*” [um-para-vários], passou a ser “*many-to-many*” [vários-para-vários] e “*one-to-one*” [um-para-um], ou seja, surgiu a possibilidade de que mais usuários pudessem contribuir para a geração de materiais. As considerações de Lévy (2003) esclarecem que o ciberespaço

permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo “*todos para todos*”. Numa conferência eletrônica, por exemplo, uma pessoa envia uma mensagem a dezenas ou centenas de outras. Entre estas, algumas respondem. Depois, outras respondem à resposta, etc. Como todas as mensagens são registradas, sedimenta-se assim progressivamente uma memória, um contexto do grupo de discussão (LÉVY, 2003, p.195).

Entender os possíveis novos cenários de comunicação permite pensar também sobre um dos pontos levantados por Lévy (2003): a construção da memória no ciberespaço. São múltiplos os ângulos pelos quais a memória pode ser analisada, no entanto, interessa-nos o âmbito do webjornalismo sob o ponto de vista dos meios de comunicação, especificamente a televisão e sua interface com a internet. Para o desenvolvimento do presente estudo, a intenção é discutir a estrutura de determinadas práticas comunicativas e não apenas os aparatos tecnológicos que as tornam realizáveis.

Tendo em vista o fato de a mídia produzir e modificar temporalidades, pretendeu-se investigar uma das vertentes midiáticas, delimitada pelos arquivos de vídeo advindos das reportagens de um telejornal, que, logo após a exibição em rede nacional, são disponibilizados na Internet através do portal online do próprio produto. Assim, como tais dispositivos, que permitem uma nova construção do telejornal no ciberespaço, reorganizam a produção da memória?

O objetivo é buscar apontamentos analíticos conformando o site do *Jornal Nacional*<sup>3</sup> como objeto empírico. A proposta em questão é, assim, abordar a comunicação e sua relação com a temporalidade.

Com o intuito de fundamentar a escolha do tema trabalhado, resgata-se a concepção do paradigma relacional, segundo os estudos de Simões (2009). O modelo

---

<sup>3</sup> Telejornal. Rede Globo de Televisão. Diariamente às 20h15 ([www.g1.com.br/jn](http://www.g1.com.br/jn)).



praxiológico parte do pressuposto de que a comunicação não é uma mera transferência de conhecimentos. Em seu referido contexto, a natureza do sujeito é dialógica e isso implica na presença de trocas simbólicas e de interações.

Portanto, pensando que a comunicação é vista como processo constitutivo do social, momento fundador da vida coletiva e lugar de questionamentos acerca das práticas humanas e midiáticas, o objetivo da pesquisa, mais uma vez, é estudar a relação entre jornalismo e memória no ciberespaço. Dessa forma, anseia-se contribuir para o despertar de reflexões críticas acerca da mídia e da construção de novos parâmetros temporais.

De acordo com Barbero (2004), no contexto contemporâneo, referente ao processo modernizador da urbanização, as novas tecnologias da comunicação envolvem um paradoxo, pois

exercem pressão para uma sociedade mais aberta e interconectada, agilizam os fluxos de informação e as transações internacionais, revolucionam as condições de produção e de acesso ao saber, mas ao mesmo tempo apagam memórias, transtornam o sentido do tempo, a percepção do espaço, ameaçando as identidades, pois nelas se concretizam os imaginários nos quais se plasmam os novos sentidos que em sua heterogeneidade hoje cobram tanto o local como os modos de pertencimento e reconhecimento que fazem a identidade nacional (BARBERO, 2004, p.283).

Dessa maneira, segundo Antunes (2010), torna-se interessante aproximar comunicação e temporalidade, com a intenção de investigar os mecanismos, não apenas midiáticos, de construção e aprendizagem das categorias temporais que orientam a vida cotidiana.

Fausto Colombo (1991) aborda uma inédita ordem temporal imposta pelos arquivos, a qual emerge por meio da memória. Para o autor, isso implica no surgimento de outras formas de organização do tempo nas relações fortuitas do dia-a-dia.

Da sacralidade do universo representado e da própria sacralidade do tempo universal, somos hoje reconduzidos à leiga e dessacralizada abstração de uma imagem sem referente e de uma medida sem duração. O tempo digital, assim como a imagem digital, nada mais tem a significar; mais modestamente, participa do conjunto dos dados encerrados nos arquivos e aguarda o viajante do labirinto para reassumir (provisoriamente) um horizonte de significado (COLOMBO, 1991, p.86).

A relação entre arquivos e o esquecimento configura-se como outro ponto de destaque apresentado por Colombo (1991). Segundo ele, os sistemas de memorização



contemporâneos, ligados à tecnologia, e a “forma-arquivo” apontam a ocorrência de “armazéns da memória”.

Para investigar os dispositivos de vídeo e a produção da memória no ciberespaço, foram utilizadas técnicas metodológicas de pesquisa que permitem elucidar as complexidades do tema. O recorte para apreciação crítica do site do *Jornal Nacional* comportou os meses de outubro e novembro de 2010. Dessa maneira, as categorias para averiguação da memória no ambiente virtual envolverão um olhar diferenciado para o fluxo dos arquivos, o modo como são colocados os fragmentos e o que há imbricado nos mesmos que os difere da apreensão do telejornal “ao vivo”, envolvendo, ainda, a possibilidade de recuperação dos momentos transmitidos.

A convocação de estudiosos da temática referente às novas tecnologias da informação e da comunicação, como Pierre Lévy (2003), Henry Jenkins (2008) e Marcos Palacios (2003), além de autores que tratam de questões relacionadas à memória e ao tempo, como Fausto Colombo (2001) e Andreas Huyssen (2000), ajuda a construir elos de estudo. Além disso, traz suportes sólidos para o desenvolvimento da análise de conteúdo simples.

## **2 “BOA NOITE”: O CUMPRIMENTO QUE PERDE SENTIDO NA WEB**

Diariamente, exceto aos domingos, o tradicional “boa noite” dado pelos apresentadores do *Jornal Nacional* integra a rotina de mais de 25 milhões de telespectadores por todo o Brasil. Para muitos indivíduos e famílias é o momento de se informar através de um “panorama” com as notícias que foram destaque no dia e pode representar, inclusive, uma orientação para o relógio biológico que avisa a proximidade do horário de dormir.

No entanto, desde meados da primeira década do século XXI, uma nova ferramenta se coloca à disposição dos sujeitos e promove um verdadeiro “desarranjo” nas temporalidades propostas pela televisão. A possibilidade de se recorrer à Internet para assistir ao conteúdo que fora veiculado “ao vivo” pelo telejornal faz com que o “boa noite” perca o sentido norteador de tempo, uma vez que, pelo computador, o internauta pode acessar o conteúdo tanto à noite quanto à tarde ou pela manhã.

Dessa maneira, ao nos voltarmos para o site do *Jornal Nacional*, é possível entender que neste espaço foram colocados diversos instrumentos que se diferem da lógica televisiva por apresentarem fragmentos do programa. A disposição dos ícones



sugere uma ordem de exibição, mas o usuário tem o poder de decidir quais e quantas reportagens irá assistir, além da sequência preferida.

De acordo com William Bonner (2009), apresentador e editor do telejornal desde 1996 e editor-chefe a partir de 1999, “desde que surgiu, em 1969, o *JN* procurou antecipar, aos telespectadores, os assuntos que seriam destacados na primeira página dos principais jornais impressos do dia seguinte” (BONNER, 2009, p.21). Para ele, a atração jornalística de televisão busca diariamente apresentar os temas, também divulgados por outros meios, com a linguagem apropriada ao veículo. O site é uma ferramenta recente que, segundo Bonner (2009), admite formas eficientes de o público se fazer ouvir pela redação do telejornal, como o “Fale Conosco”, o qual recebe sugestões, pedidos de informação, críticas/elogios e denúncias.

Ao nos voltarmos especificamente para o portal, na página inicial existem ícones, abaixo da logo do programa, correspondentes às diferentes áreas de navegação, dispostos na seguinte ordem: JN Especial, Redação, História, Fale Conosco, Vídeos, Telejornais, JN no ar, g1.com.br. A partir do link titulado pela palavra “Vídeos”, abre-se uma nova página na qual é oferecido um catálogo de vídeos, que correspondem aos fragmentos mais recentes da última edição do telejornal.

Tais recursos fazem com que “o site do *JN* funcione também como um banco de dados – e é usado como fonte de pesquisa tanto pela equipe quanto pelo público” (BONNER, 2009, p. 239). São capazes, ainda, de promover uma interação com quem decide “navegar” pelo site do *Jornal Nacional* e, para o pesquisador norte americano Henry Jenkins (2008), dizem de um novo paradigma que se estabelece para possibilitar o entendimento acerca da transformação midiática contemporânea.

Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis (JENKINS, 2008, p.27).

Convergência nos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva são conceitos abordados por Jenkins (2008) em sua obra “A cultura da convergência”. A presente pesquisa trata, primordialmente, do aspecto da convergência de mídias no contexto virtual da internet, uma vez que o conceito pode ser concebido levando-se em conta outras diferentes interfaces.



Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo do que imaginam estar falando (JENKINS, 2008, p.27).

A circulação de conteúdos por mídias diferentes, para Jenkins (2008), depende da participação dos leitores. Dessa maneira, defende fortemente a ideia de que a convergência não se reduz ao aspecto tecnológico, capaz de unir muitas funções em um mesmo aparelho, por exemplo. Segundo o autor, a ação de convergir representa uma transformação cultural, “à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2008, p.28).

A expressão cultura participativa, por sua vez, relaciona-se com a interação de produtores e consumidores de mídia, os quais participam conjuntamente. Tal concepção contrasta com uma noção antiga sobre passividade dos espectadores dos meios de comunicação. De acordo com Jenkins (2008), corporações ainda exercem mais poder do que qualquer consumidor individual, ao passo que certos indivíduos têm mais habilidades e familiaridade para participar dessa cultura emergente do que outros.

O consumo, dessa forma, tornou-se um processo coletivo, o que Jenkins (2008) entende por inteligência coletiva, expressão cunhada pelo teórico Pierre Lévy(2003). Isso corresponde a dizer que consumir e produzir informações não ocorre por meio de aparelhos e sim através das interações sociais e da própria compreensão de cada sujeito.

Por haver mais informações sobre determinado assunto do que alguém possa guardar na cabeça, há um incentivo extra para que conversemos entre nós sobre a mídia que consumimos. Essas conversas geram um burburinho cada vez mais valorizado pelo mercado das mídias (JENKINS, 2008, p.28).

Ainda de acordo com a perspectiva de Jenkins (2008), neste início de século os mercados midiáticos têm passado por uma mudança de paradigma. Antes, em meados dos anos 1990, pensava-se a revolução digital como algo que chegaria para superar os meios tradicionais de comunicação. No entanto, o modelo emergente da convergência de mídias, parte do pressuposto que as novas e antigas mídias podem interagir entre si através de relações que podem se complexificar com o decorrer do tempo.

Os líderes da indústria midiática procuram, no processo que se apresenta, um sentido perdido em meio a tantas alterações provenientes da efervescência da



contemporaneidade. Apesar do conteúdo dos diversos meios sofrer mudanças ao longo da história, como quando a televisão surgiu e representou uma alternativa para os programas de rádio, por exemplo, uma vez que o meio se estabelece, ele pode continuar seu funcionamento dentro de um sistema maior de opções.

Mais uma vez, a convergência vai além da perspectiva tecnológica e Jenkins (2008) chama a atenção para o caráter processual do fenômeno, que altera a lógica seguida pela indústria midiática e pela qual os consumidores concebem a notícia e o entretenimento. Assim como a maneira de produzir se modifica, mudam também as formas de se obter informação. As novas tecnologias conseguem reduzir os custos de produção e de distribuição, permitem que os usuários arquivem, comentem conteúdos e os coloquem em circulação como bem entenderem.

Jenkins (2008) nos lembra que a convergência é um processo corporativo que ocorre tanto de cima para baixo, dos produtores para quem consome, quanto de baixo para cima, por parte dos internautas. “Empresas midiáticas estão aprendendo a acelerar o fluxo de conteúdo midiático pelos canais de distribuição para aumentar as oportunidades de lucros, ampliar mercados e consolidar seus compromissos com o público” (JENKINS, 2008, p.44). Os sujeitos, por sua vez, estão aprendendo a utilizar as ferramentas para interferir no fluxo midiático e para interagir com outros consumidores. Segundo Bonner (2009), 70% do material colaborativo que chega até o *Jornal Nacional*, diz respeito a sugestões e denúncias. “Frequentemente, essas mensagens se tornam fontes de pautas para reportagens. E, a não ser que isso possa representar risco para o colaborador, seu nome e cidade são mencionados no ar” (BONNER, 2009, p.237).

Diante dos aspectos abordados, percebe-se que a convergência representa uma mudança na forma como encaramos nossas relações diretas com a mídia. As implicações disso são vistas no cotidiano, no trabalho, na escola, ou no âmbito da cultura. Quando poderíamos imaginar que contaríamos com um espaço no qual é possível acessar fragmentos de um telejornal, valendo-se de seu caráter peculiar (informativo) e, a partir de tal disponibilidade, abrir precedentes para novos usos? A pesquisa e a memória encontram, assim, novos suportes para se estabelecerem.

### **3 ARMAZÉNS DA MEMÓRIA**

No contexto das transformações contemporâneas pelas quais as práticas jornalísticas têm passado, na contemporaneidade, as ideias defendidas por Palacios



(2003) buscam trabalhar a memória como uma especificidade do jornalismo na web. A fase, dita revolucionária por Lévy (2003), do surgimento de novos paradigmas comunicacionais, é considerada ultrapassada por determinados estudiosos, como nos lembrou Jenkins (2008) e, portanto, não contribui de forma substancial para a pesquisa em questão. Dessa maneira, “importa buscar compreender os modos de articulação e transformação das características dos múltiplos suportes existentes” (PALACIOS, 2003, p. 1), dentre eles o online, com o intuito de confrontá-los com práticas relativas à produção dos jornalistas.

A web oferece a possibilidade de armazenamento de conteúdos, cuja dimensão chega a ser imensurável pela mente humana. De acordo com Colombo (1991), quando nos voltamos para os grandes arquivos informáticos, é possível notar que quem os percorre, ou utiliza, coloca-se em relação com um tempo da máquina, “capaz de funcionar por si só sem ser sequer minimamente condicionado pelo tempo do sujeito que o utiliza” (COLOMBO, 1991, p.79). Embora tais indivíduos continuem a viver o próprio tempo pessoal, eles se submetem a uma lógica diferente do tempo marcado pelo relógio e podem chegar a conceber uma total identificação entre o ritmo pessoal e o da máquina.

Em que medida e em que termos pode-se hoje dizer que a sociedade eletrônica está centrada em torno do problema do tempo e sua mensuração e que esse problema ainda uma vez se propõe como uma questão de máquinas para a escansão das durações? Parece que a resposta passa, mais uma vez, pela evolução tecnológica, mas só à medida que esta tiver a inspirá-la e valorizá-la numa transformação cultural (...) (COLOMBO, 1991, p.78).

Para o referido autor, a pluralidade dos tempos diz respeito aos contextos sociais ao longo da história e apresenta desdobramentos significativos. Dentre os aspectos, é possível destacar que o tempo transcorrido diante da televisão não tem o mesmo ritmo do que é gasto em uma reunião com amigos, por exemplo. Nas palavras do autor, “o indivíduo ‘veste’ e ‘despe’ as durações sempre com maior desenvoltura, com a mesma tranquilidade com que ele próprio parece também mudar de ‘identidade’ no seu traslado de um ambiente social para outro, de uma situação para outra” (COLOMBO, 1991, p.83).

Em segundo lugar, não existe um tempo apenas coletivo ou social, pois as durações funcionam de maneira diferente para cada pessoa. Além disso, no âmbito de um terceiro ponto, a sociedade global tem demonstrado a necessidade de se valer de um



tempo *standard* ou pré-definido, cujo intuito é medir a circulação dos conteúdos informativos e não mais a produção.

O homem contemporâneo vive fazendo com que sua própria existência seja escondida por máquinas produtoras de tempo abstrato, mas sem reconhecer (ou reconhecendo sempre menos) este mesmo tempo como relógio da vida, e recorrendo a uma infinidade de “cronômetros sociais” para estabelecer os ritmos e durações das próprias experiências (COLOMBO, 1991, p.84).

Dessa maneira, qual então seria o tempo do arquivo? Colombo (1991) levanta a questão para dizer que, uma nova ordem temporal imposta pelos arquivos só é capaz de emergir completamente ao se relacionar com outra palavra-chave: memória.

Para Huyssen (2000), a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais da sociedade ocidental se configura como um dos fenômenos contemporâneos mais surpreendentes. “A partir da década de 1980 o foco parece ter-se deslocado dos futuros presentes para os passados presentes” (HUYSSSEN, 2000, p. 9). Esta nova articulação encontra bases na experiência e na sensibilidade do tempo evidenciadas nos acontecimentos que perpassam a história.

No âmbito da cultura pós-moderna, uma influência advinda dos Estados Unidos afirmava que o foco deveria estar no espaço como peça-chave do pós-modernismo, deixando em outro plano a problemática do tempo e da memória, a qual estaria vinculada a um momento anterior chamado de “alto modernismo”. Entretanto, de acordo com Huyssen (2000),

tempo e espaço, como categorias fundamentalmente contingentes de percepção historicamente enraizadas, estão sempre intimamente ligadas entre si de maneiras complexas, e a intensidade dos desbordantes discursos de memória, que caracteriza grande parte da cultura contemporânea em diversas partes do mundo de hoje, prova o argumento (HUYSSSEN, 2000, p.10).

Dessa maneira, percebe-se como as noções de temporalidades diferentes e modernidades em épocas distintas contribuem para um entendimento inédito dos processos de globalização em longo prazo. Segundo Huyssen (2000), “discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas” (HUYSSSEN, 2000, p. 10). Tais falas, exemplifica o autor, se aceleraram nos anos 80 na Europa e nos Estados Unidos, cujo impulso inicial foi dado pelo amplo debate acerca do Holocausto.



Ainda de acordo com o autor, em relação aos “passados presentes”, muitas tramas secundárias constroem a memória narrativa contemporânea diferenciando as primeiras décadas do século passado dos tempos atuais. Assim, pode-se compreender a tentativa que a sociedade tem de efetivamente guardar tudo relativo ao passado.

A atualidade vive, segundo Huyssen (2000), intenso interesse em criar mecanismos para se evitar o esquecimento e conseguir se lembrar de tudo. Para ele, está claro que a mídia sozinha não é suficiente para dar conta de todas as manifestações sociais e políticas características de comunidades nas quais impera a pluralidade das linguagens e a diversidade cultural. Entretanto, a tentativa de se estruturar uma memória pública midiaticizada, obcecada pela vontade de tudo conseguir armazenar, existe e demonstra o medo do esquecimento.

Talvez seja interessante refletir sobre a dimensão benéfica e produtiva que o advento da rememoração pode representar. A partir disso, Huyssen (2000) propõe que as atenções sejam voltadas para a relação entre o privilégio dado à memória e ao passado e para o impacto da nova mídia acerca das percepções e da temporalidade.

Ao recorrermos novamente à Colombo (1991), quando se estabelecem as linhas fundamentais da relação entre os sistemas de memorização contemporâneos ligados à tecnologia eletrônica e à forma-arquivo (uma representação que decorre da expressão “armazéns da memória” e seria uma subdivisão dentro da lógica do armazenamento de informações), também se faz necessário olhar para a questão do esquecimento ou não-memorização.

No âmbito do esquecimento, ou seja, da seleção dos elementos a serem memorizados, pode-se inferir que os arquivos de vídeo do *JN* envolvem o que Colombo (1991) chama de ativação preventiva do esquecimento, ou seja, nas etapas preliminares de colocação do conteúdo na Internet, é feita uma seleção do material. No entanto, a plataforma oferece um recurso que permite o arquivamento de tudo o que é transmitido ao vivo no telejornal e o internauta pode assistir na rede ao que foi passado mais cedo.

#### **4 ARQUIVAMENTO NA INTERNET: O CONTEXTO DO *JORNAL NACIONAL***

Influenciado por pesquisas próprias, anteriores, e por estudos de outros teóricos, Palacios (2003) estabeleceu seis características que dizem das bases do jornalismo online: Multimídia/Convergência, Interatividade, Hipertextualidade, Personalização, Memória e Instantaneidade/Atualização Contínua. Tais aspectos refletem as potencialidades oferecidas pela Internet e se configuram como o diferencial



em relação a outros meios como televisão, jornal impresso e rádio, por exemplo. Alguns domínios na rede se valem de todos os pontos levantados, mas, em contrapartida, existem aqueles que não os utilizam por razões diversas, seja de cunho técnico, administrativo ou mercadológico.

Através do objeto de estudo em questão, o site do *Jornal Nacional*, é possível passar brevemente pelas características elucidadas acima. A multimídia, reunião de diversos meios para se narrar determinado acontecimento ou fato jornalístico, torna-se praticável pelo processo de digitalização da informação e posterior aproximação convergente – “disponibilização em múltiplas plataformas e suportes, em uma situação de agregação e complementariedade” (PALACIOS, 2003, p.3). Isso se evidencia no site do telejornal nos arquivos de vídeos disponibilizados, aliados ao texto descrito, aos links, hipertextos etc. O hipertexto se aproxima à situação interativa, uma vez que permite que o leitor estabeleça o próprio caminho de navegação. A interatividade feita por outros mecanismos possui a capacidade de fazer com que o leitor se sinta envolvido no processo de produção jornalística.

No âmbito da memória, Palacios (2003) chama a atenção para um aspecto determinante: a acumulação de informações na web é mais viável do que em outras mídias devido tanto ao caráter técnico quanto econômico. “Acresce-se o fato de que na web a Memória torna-se coletiva, através do processo de hiperligação entre os diversos nós que a compõem” (PALACIOS, 2003, p.4).

O autor se refere à memória, característica do Jornalismo Online, como elemento distintivo da produção e do consumo da informação jornalística nas redes comunicacionais. Retomando o que já foi discutido anteriormente, entende-se

o movimento de constituição dos novos formatos mediáticos não como um processo evolucionário linear de superação de suportes anteriores por suportes novos, mas como uma articulação complexa e dinâmica de diversos formatos jornalísticos, em diversos suportes, “em convivência” (e complementação) no espaço mediático (PALACIOS, 2003, p.6).

Dessa maneira, as peculiaridades do jornalismo online aparecem, na maioria das vezes, como Continuidades e Potencializações e não necessariamente como Ruptura. Entretanto, a combinação de tais aspectos gera novos efeitos. A multimídia e a convergência de mídias podem ser compreendidas como continuidade por serem capazes de conjugar diferentes meios. No aspecto de ruptura, o espaço virtual



aparentemente ilimitado para disponibilização do material noticioso, pode ser considerada a característica mais significativa.

Assim, destacando a potencialidade dos arquivos digitais, Palacios (2003) busca esclarecer qual o lugar da memória no jornalismo online. Segundo ele, a memória pode ser recuperada tanto pelo produtor da informação quanto pelo usuário, através de sistemas de procura que levam em conta palavras-chave e datas. No caso do site do *Jornal Nacional*, há, principalmente, o espaço “vídeos”, além de todos os recursos multimídia dispostos na página principal, por exemplo, na qual links (imagens ou hipertextos) se espalham por todo o espaço para a livre escolha do internauta.

De acordo com Palacios (2003), o jornalismo tem, na web, sua primeira forma de “Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa”. Apesar de, no site do JN, os arquivos de vídeos serem colocados pelos “produtores”, o autor alerta que em outros ambientes e numa situação de interatividade, os papéis podem se misturar ao dos consumidores. Isso ocorre em locais que evocam a participação do leitor, como as enquetes, ou onde é possível enviar algum conteúdo informativo que posteriormente é “incorporado ao universo de informação construído em torno do fato jornalístico e, eventualmente, armazenado nos arquivos online do jornal para posterior recuperação e consulta” (PALACIOS, 2003, p.9). No dia 08 de dezembro de 2010, por exemplo, a enquete presente no site do *Jornal Nacional* fazia a seguinte pergunta: “O que foi mais importante para o Fluminense conquistar o Campeonato Brasileiro?”

Voltando aos conceitos de continuidade, potencialidade e ruptura, em relação ao primeiro a memória pode ser vista como certa continuação dos suportes anteriores. Para Palacios (2003), tal raciocínio é correto na medida em que olhamos para outros meios. Os jornais impressos, desde a criação de vários veículos, promovem o arquivamento “físico” de todos os exemplares para eventual consulta ou necessidade. Hoje, alguns invadem a Internet para realizar este arquivamento e compartilhá-lo de modo mais fácil com o público. “Na produção jornalística em Rede, altera-se o lugar da documentação da memória que, de complemento informativo, desloca-se para uma posição de fonte noticiosa direta” (MACHADO apud PALACIOS, 2003, p.9), pois está sistematicamente disponível para o coletivo.

Através da possibilidade de digitalização da informação, a memória acumulada em jornais impressos, televisão, rádio e agências de notícias invade a Internet. Portanto, no contexto da convergência de mídias, “a memória na web tende a ser um agregado não só da produção jornalística que vem ocorrendo online, mas, gradualmente, de toda a



produção jornalística importante, acumulada em todos os tipos de suportes, desde épocas muito anteriores à existência da web e dos próprios computadores” (PALACIOS, 2003, p.10).

Em relação ao uso efetivo da memória, Palacios (2003) defende uma constatação: a memória é um elemento constitutivo do jornalismo online em crescente utilização. Ao pesquisar sites de conteúdo jornalístico no Brasil e em Portugal, os estudos demonstraram que, no âmbito dos principais veículos, já foi incorporada alguma forma de memória que pode ser acessada pelos internautas.

Aproximando a contribuição do autor para o objeto de estudo, é interessante perceber que o site Jornal Nacional, embora inter-relacione de maneira tímida todas as peculiaridades da convergência de mídias, vale-se fortemente do recurso memorialístico. Muitas ferramentas presentes no portal conformam elementos capazes de dizer da memória no ambiente jornalístico virtual, como palavras em destaque (ou títulos), hipertextos, imagens e ícones. A expressão “última edição”, por exemplo, refere-se a um “passado-presente” que pode ser acessado e consegue produzir sentido no tempo do sujeito. O ícone interativo ilustrado pela figura convencional de um calendário, por sua vez, mostra a data de exibição dos telejornais e permite que o usuário veja o conteúdo de programas antigos.

De acordo com Canavilhas (2004) o que distingue a Internet dos outros meios de comunicação é a possibilidade do “arquivo ser imediato e global, reduzindo o espaço e o tempo a um momento” (CANAVILHAS, 2004). O pesquisador parte da ideia que o ambiente online pode ser concebido como “memória coletiva da humanidade”, a qual passou por diversas transformações ao longo da história.

Nas sociedades sem escrita, a memória era fundamental na transmissão dos saberes. Com a passagem da oralidade à escrita, a memória começa a exteriorizar-se e a autonomizar-se do homem, materializando-se em suportes manuscritos e inscrições em monumentos. O livro passa a desempenhar também o papel de memória coletiva, organizada, pesquisável e dotada de mobilidade (CANAVILHAS, 2004).

Dessa forma, a importância dos arquivos pode ser percebida há tempos como representante do conhecimento organizado em memórias fora da mente humana. Segundo Canavilhas (2004), o caráter “arquivista” resulta da acumulação das informações na Internet e confere, às mesmas, certa perenidade. Ou seja, se antes o “prazo de validade” dos jornais, impressos ou televisivos, era curto, efêmero, hoje pode-



se dizer de um “regime do presente contínuo potencial”. “A notícia perde a sua natureza perecível e ganha uma segunda vida, afastando-se do conceito base que levou à sua produção: a novidade. Feita história, a notícia ganha novas propriedades e passa a constituir uma unidade de memória” (CANAVILHAS, 2004).

A partir de tal afirmação, o autor conclui que a Internet surge naturalmente como forma de se estender a memória. Até o aparecimento deste meio de comunicação contemporâneo, o armazenamento de informações não era uma preocupação dos *media*. Hoje, todos buscam na rede uma maneira de se prolongar e de reforçar os laços de identidade com o público.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como nos lembrou Palacios (2003), os arquivos jornalísticos constituem, há muito tempo, fonte da maior relevância para a recuperação da memória histórica de nossas sociedades. A partir do final do século XX, a digitalização da informação e a consolidação do ambiente virtual introduzem modificações qualitativas neste processo, por meio de um novo panorama que envolve, inclusive, o trabalho de pesquisa de especialistas e também de sujeitos ordinários.

Uma discussão exaustivamente levantada em um passado recente questionou se o advento da Internet não representaria o fim dos livros, uma vez que as buscas por conhecimento são facilitadas e ampliadas pelas potencialidades do universo em rede. Hoje, diversos índices e estudos apontam que não há esta possibilidade e a tendência que se apresenta é a de os meios procurarem a complementariedade entre si.

A inegável capacidade espacial da Internet suscita novos questionamentos diante de uma ampliação ilimitada: conseguiria a web comportar qualquer coisa, ou tudo, na forma de arquivos digitais? Qual o lugar da nossa memória física neste cenário? O conteúdo completo da revista *Veja*, desde sua criação em setembro de 1968 até as edições atuais, está disponível online.

Como explicado ao longo do presente ensaio, o armazenamento de informações com a intenção de facilitar o acesso do público é uma preocupação contemporânea dos meios de comunicação. Apesar de sempre ter existido, o arquivamento ganhou novos contornos ao aliar o espaço da Internet ao medo do esquecimento. As novas tecnologias expandiram nossos sentidos e trouxeram profundas implicações para a cultura e para a sociedade.



Huyseen (2000) nos ensina que, sozinha, a memória da mídia não será suficiente para encampar as percepções sociais e políticas do mundo em sua totalidade. O jornalismo seria, assim, uma estratégia de rememoração constante e acessível para os indivíduos. O autor traz, ainda, uma provocação referente ao pavor de possíveis panes na época do “bug do milênio<sup>4</sup>”: os computadores não sabem a diferença entre o ano 2000 e o 1900. Mas nós sabemos?

Como alerta Colombo (1991), do esquecimento surgem tentativas de se estabelecerem novas temporalidades. O valor notícia das informações é algo que tem seu tempo prolongado através dos arquivos, pois se torna objeto de pesquisas e outros tipos de acesso. Tal característica se evidencia no site do Jornal Nacional, pois, conforme Bonner (2009), a memória armazenada no portal funciona como um banco de dados usado como fonte de investigações tanto pela própria redação do telejornal quanto pelo público.

De acordo com Jenkins (2008), a ampliação da participação necessariamente é capaz de desencadear mais transformações. As comunidades de internautas que assistem ao jornal pela Internet enviam sugestões e se familiarizam com aquele ambiente, tendendo a adquirir conhecimento e poder na era da convergência das mídias. No entanto, enquanto o foco permanecer no acesso, o centro das mudanças permanecerá concentrado nas tecnologias, mas quando a referida participação se verificar mais atuante, a ênfase se deslocará para as práticas culturais.

Atualmente, há a necessidade, que cada vez encontra menos barreiras, de que os produtores aceitem a cultura participativa e convivam com ela de maneira positiva. Jenkins (2008) prevê que não se resolverão logo as incertezas em torno da convergência, pois estamos em um processo de longa transição, repleto de transformações no modo com operam os meios de comunicação.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Elton. Tópicos em Comunicação: Análise dos discursos midiáticos. Especialização em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas. Universidade Federal de Minas Gerais, abril-junho de 2010. Notas de aula.

BARBERO, Jesús Martin. **Ofício de Cartógrafo: Travessias latinoamericanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

---

<sup>4</sup> Bug é uma expressão que significa falha, um erro de lógica na concepção de um determinado software (BUG, 2010). Com a proximidade da virada do milênio, de 1999 para 2000, especulava-se que poderia existir uma grande pane nos computadores, os quais “entenderiam” que houve uma volta aos anos 1900.



BONNER, William. **Jornal Nacional: Modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BUG do Milênio. Mundo Educação. Disponível em: < <http://www.mundoeducacao.com.br/informatica/bug-milenio.htm> >. Acesso em: 13 dez. 2010.

CANAVILHAS, João. **A Internet como Memória**. Portugal: Universidade da Beira Interior, 2004. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-internet-como-memoria.pdf> >. Acesso em: 8 dez. 2010.

COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. São Paulo: Perspectiva, 1991. P.69-106.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano ED., 2000. P. 9-41.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Editora Aleph. 2008

LÉVY, Pierre. **A revolução contemporânea em matéria de comunicação**. In: MARTINS, Francisco Menezes, SILVA, Juremir Machado da. Para navegar no século XXI. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

PALACIOS, Marcos. Ruptura, Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o Lugar da Memória. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (Orgs.). **Modelos do Jornalismo Digital**. Salvador: Editora Calandra, 2003.

PERFIL e Audiência. Direção Geral de Comercialização da Rede Globo de Televisão. Disponível em: < [http://comercial.redeglobo.com.br/programacao\\_jornalismo/jnac5\\_intro.php](http://comercial.redeglobo.com.br/programacao_jornalismo/jnac5_intro.php) >. Acesso em: 4 dez. 2010.

PRYOR, Larry. **The third wave on online journalism**. *Online Journalism Review*, abril, 2002. Disponível em: < <http://www.ojr.org/ojr/future/1019174689.php> >. Acesso em 20 ago. 2010.

SIMÕES, Paula Guimarães. **A mídia e a construção das celebridades: uma abordagem praxiológica**. Logos, Comunicação e Filosofia. Ano 17, 2º semestre 2009.